

(RE)INVENÇÕES DOS CORPOS NAS EXPERIÊNCIAS DA  
NÃO-BINARIDADE DE GÊNERO

Neilton dos Reis<sup>1</sup>

**RESUMO:** O artigo se propõe a problematizar os atravessamentos entre as não-binaridades de gênero e os corpos. Tomo como base as análises produzidas em uma pesquisa com estudantes de Ensino Médio no ano de 2015, residentes da cidade do Rio de Janeiro e que se identificam com gêneros não-binários. A partir da narrativa de dois sujeitos dessa pesquisa penso em análises que se utilizam dos estudos pós-estruturalistas, me possibilitando lidar com os gêneros, as sexualidades e os corpos enquanto categorias históricas, sociais e culturais, constituídas nos jogos de poder e de linguagem. Sobretudo, direciono meu olhar ao rompimento subjetivo do binário de gênero e suas formas de expressão que modificam os corpos. A partir de uma perspectiva teórica *queer* de diferença, questionamento e provocação e reconhecendo as limitações desse texto, proponho-me pensar como os símbolos e signos que constituem os corpos são utilizados, bem como suas (re)invenções motivadas pela identidade e diferença de gênero.

**Palavras-chave:** não-binaridade de gênero; diferença; corpo; expressão de gênero.

**ABSTRACT:** The article proposes to problematize the crossings between the non-binaries of gender and the bodies. I take as base the analyses produced in a research with students of High School in the year of 2015, residents of the city of Rio de Janeiro, that identify with non-binary genders. From the narrative of two subjects of this research I think of analyses that are used in post-structuralist studies, allowing me to deal with genres, sexualities and bodies as historical, social and cultural categories, constituted in the games of power and language. Above all, I turn my gaze to the subjective rupture of the gender binary and its forms of expression that modify the bodies. From a queer theoretical perspective of difference, questioning and provocation and recognizing the limitations of this text, I propose to think how the symbols and signs that constitute the bodies are used, as well as their (re) inventions motivated by gender identity and difference.

**Keywords:** gender non-binarity; difference; body; expression of gender.

### Introdução

Esse artigo nasce de inquietações e desdobramentos de uma

---

<sup>1</sup> Universidade Federal de Juiz de Fora, mestrando em Educação no Programa de Pós-Graduação em Educação, neilton.dreis@gmail.com

pesquisa realizada na cidade do Rio de Janeiro/RJ com jovens que narram uma auto-identificação com não-binaridade de gênero<sup>2</sup> e serviu de base para a elaboração de um trabalho de conclusão de curso de licenciatura em Ciências Biológicas da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (DOS REIS, 2015). A pesquisa não teve um espaço escolar como *lócus*, mas se produziu através de entrevistas com cinco estudantes fora do ambiente escolar, em locais públicos (biblioteca e parque) escolhidos pelas pessoas. Encontrei tais jovens a partir de indicação ativistas sociais em movimentos de juventude e em grupos de socialização em redes digitais. Busquei pensar as experiências da não-binaridade de gênero em uma perspectiva teórica *queer* de desnaturalização e questionamentos das normas de gênero e sexualidade que atravessam identidades, diferenças, corpos, instituições e discursos políticos. Para esse artigo lanço olhar, em especial, aos atravessamentos dessas temáticas com os corpos e suas (re)invenções. Acreditando que a organização em binários opacionais é uma herança ocidental (BUTLER, 2003; HERMANN, 2014; DERRIDA, 2001), interessa-me pensar as narrativas que são produzidas em contramão a essa lógica.

Trago aqui a narrativa de dois sujeitos – *Estudante 1* e *Estudante 2* – que encontrei e entrevistei em conversas individuais e gravadas em áudio no ano de 2015. Para as entrevistas foi construído um roteiro semiestruturado com 8 questões principais que permeavam a identidade e expressão de gênero, a trajetória escolar, as aulas de ciências e biologia e a aproximação com a perspectiva *queer* e com movimentos sociais. Discutimos assim, entre outros assuntos, as linhas de fuga à não-binaridade que atravessam essas questões; nos

---

<sup>2</sup> Por não-binaridade de gênero compreendo as experiências daquelas pessoas que não contemplam sua identidade de gênero como 100% masculina ou 100% feminina, mas permeiam por elas, fixando-se ou não em identidades entre esses polos ou para além dessa linha (DOS REIS *et al*, 2016; ESPECTOMETRIA não-binária, 2015).

debruçamos sobre os currículos (escolares e também não-escolares) que foram ao/de encontro com as experiências não-binárias. Dentre os muitos discursos produzidos nesses encontros, trago aqui os referentes aos corpos. Assim, perpasso por algumas imersões nas experiências de corporeidade e de perspectiva teórica dessas pessoas através dessas narrativas. Interessa-me problematizar o corpo e suas (re)invenções na sua relação com a diferença ao binário de gênero. Para tal, recorro ao campo teórico da corrente pós-estruturalista e *queer* que tem lançado mão das desnaturalizações dos binários que constituem os sujeitos. Discuto teoricamente com os estudos de Judith Butler (2003), Berenice Bento (2002) Jacques Derrida (2001), Tiago Duque (2014), Guacira Lopes Louro (2000), Richard Miskolci (2014), entre outros.

O artigo está organizado em 5 seções: a primeira sendo essa introdução na qual exponho a origem dos dados que utilizo, bem como as motivações e intenções desse texto; na segunda, apresento algumas reflexões teóricas sobre o corpo e como o encaro na perspectiva *queer* dos estudos de gênero; logo após (seções 3 e 4) converso com as narrativas dos dois sujeitos para pensar as (re)invenções do corpo; e, por fim, na última seção apresento algumas considerações finais acerca das temáticas discutidas.

### **1. Um corpo em perspectiva *queer***

Pensar o corpo dentro de uma perspectiva *queer* é deixar de compreender a autonomia do sujeito como total, mas também não enquadrá-lo dentro de um determinismo cultural. Como argumenta Tiago Duque (2014, p. 70), o corpo é o “sujeito de dinâmicas sociais, como lócus de articulação de relações e legitimador de princípios so-

bre a sociedade”. Em outras palavras, ele é agente determinante na manutenção de um regime, mas também se torna administrado por ele. É por conta disso que os corpos *queer* são símbolo da sua própria resistência: são *trans*, *drag quens*, *ciborgues etc.*

Os gêneros se inscrevem e se manifestam no corpo, cuja compreensão ocorre em duas dimensões: como agente construtor e como ser construído – biológica e socialmente (SENKEVIKS; POLIDORO, 2012, p. 19). Cada indivíduo poderá traduzir as práticas sociais para o corpo, aceitando-as ou rejeitando-as. A partir disso estarão inseridos pacificamente ou não nessas práticas, de forma a reproduzi-las, transformá-las ou ser agente ativo na criação de outras novas. Por exemplo, a utilização de utensílios caracterizados como femininos (brincos, batom ou saia) por corpos caracterizados também como femininos (silhueta e traços finos, presença de vagina) tende a manter essa prática social e culturalmente localizada. Pensar em uma resignificação dessas práticas é pensar em um processo longo de descolamento das identidades (e diferenças) de gêneros das conformações corporais. Podemos tomar como outro exemplo os próprios saberes aprendidos na escola sobre estado dos corpos, através da Biologia escolar: a educação, como prática social, permitirá aos alunos a possibilidade aderir aos conceitos de corpo saudável e corpo patológico, ou ressignificá-los.

Tal pensamento de inscrições culturais nos corpos é bem fundamentado por David Le Breton (2014, p. 19), quando diz que “o corpo torna-se uma realidade pessoal”, ainda que existam pressões sociais. As incorporações à materialidade se revelam instáveis: são realizadas a nível individual e apontam ora para uma convergência, ora para uma divergência. Dessa forma, é incoerente pensar o corpo (materialidade) como identidade; prefiro pensá-lo como a substância

onde ela se comporá. Uma determinada identidade de gênero será atravessada (e atravessará) o corpo a partir de suas expressões, da (res)significação de cada gesto, de vestimenta etc.

O binário de gênero pode se produzir quando os corpos são polarizados no binarismo nas diversas áreas, instituições e saberes da sociedade. As características secundárias de corpos femininos e corpos masculinos passam a determinar o que é ser homem e ser mulher para cada área. Por exemplo, a mídia poderá, através de produções audiovisuais, realçar diferentes características ditas essenciais e específicas para ser homem (como virilidade e racionalidade) e, assim, construir num campo simbólico o que significa efetivamente *ser homem*. Como aponta Ruth Sabat (2001, p. 16), o que ela chama de currículo cultural (esse conjunto de reforços constituídos e constituidores de relações sociais) “faz parte de uma pedagogia específica, composta por um repertório de significados que, por sua vez, constroem e constituem identidades culturais hegemônicas”.

Assim, essas construções não permanecem no campo simbólico, mas extravasam para a materialidade do corpo. Seguindo o exemplo, os homens poderão frequentar a academia para desenvolver massa muscular, pela questão estética, o que daria forma ao simbólico. Essa incorporação reforça a virilidade como característica masculina e auxilia na produção de outras, como a habilidade em certos esportes ou a maior resistência às atividades físicas se comparado às mulheres. Assim, todo conhecimento produzido nesses campos simbólicos, através de relações de poder, implica em práticas regulatórias concretizadas no corpo.

Judith Butler (2003, p. 27) reforça tal argumentação indicando que não se pode recorrer ao corpo para pensar um estado natural, uma vez que todo ele “já não tenha sido interpretado por meio de

significados culturais”. Assim, encara o corpo como instância que assumirá um gênero e que já foi diferenciado socialmente pelo sexo. Maria Heilborn (2002, p. 83) vai ao encontro desse pensamento dizendo que “é fundamental desconstruir a ideia de um corpo natural [...], pode-se notar que o nosso corpo não é uma entidade natural: ele é uma dimensão produzida pelos imperativos da cultura”. Em outras palavras, ocorrerão investimentos de gênero sobre os corpos a partir desses *imperativos da cultura*.

É importante pensar que investimentos nos corpos acompanhados de construções de identidades são processos constantes e instáveis, estão a todo momento – em diferentes pedagogias – se recompondo. Guacira Louro (2000, p. 14) infere que as incorporações motivadas pela escola, por exemplo, são valorizadas pela sociedade: a prática do silêncio na sala de aula, o modo como se sentar e ocupar determinado espaço etc. O que a autora chama de *corpo escolarizado* é o corpo impregnado de características, gestos e indicações que foi adestrado para aquele ambiente – e que será testado fora dele. Esse ambiente de “teste” se configura, ainda, como um reforço (ou repressão) das incorporações. Assim, as posturas corporais aprendidas e assumidas na escola poderão ser potencializadas ou rejeitadas pela ação do currículo cultural aliado às outras instituições, como a família e a religião.

Essas formas de controle cotidiano dos corpos humanos podem limitar suas ações, proibir certas formas de amar, sistematizar horários, definir lugares de estar, possibilidades de trabalhar, enfim, essas formas de controle vão subsidiar o direito de algumas pessoas legislar sobre a vida de outras pessoas, inclusive seus sonhos e projetos. Especificamente tomando os estudos de gênero e de sexualidade, significa dizer que, autenticar, essencializar e naturalizar é o mesmo que criar e reproduzir o sis-

A instabilidade dos investimentos sobre os corpos é acompanhada, ainda, de pluralidade. Se continuarmos o exemplo pensando a Educação Básica encontramos um cenário extremamente variado: seja por disparidades nas diferentes localidades geográficas e estruturas escolares, seja por crenças e ideais que variam de agente escolar a agente escolar. Assim, cada construção, ainda que acompanhem generalidades das normas, se constitui como única, complexa e inacabada.

De acordo com Michel Foucault, não podemos entender a norma como um elemento natural (da mesma forma que não podemos entender o gênero ou o sexo nessa perspectiva), “a norma não é simplesmente um princípio, [...] é um elemento a partir do qual certo exercício do poder se acha fundado e legitimado” (FOUCAULT, 2002, p. 62). Os reforços de utilização de determinadas cores (azul para meninos, rosa para meninas), as regulações nos modos de ser e estar, os brinquedos que são dados às crianças e outros exemplos que Irene aponta como cobranças, serão exercícios do poder (re)construtores das normas de gênero. São técnicas para a conformação dos corpos – do modo de cortar o cabelo ao modo de ser e estar no mundo – para que se concretize a continuidade entre sexo, gênero e futuramente desejo.

Judith Butler diz que essa continuidade se institui em uma *matriz de normas de gênero*, uma “grade de inteligibilidade cultural por meio da qual os corpos, gêneros e desejos são naturalizados” (BUTLER, 2003, p. 23). A naturalização opera no sentido de conciliar sexo genital feminino e o *ser mulher*, bem como o sexo genital masculino e o *ser homem*; e essas duas possibilidades se complementam em um



desejo heterossexual. Essa matriz heteronormativa será produzida e reproduzida nas relações de poder.

Mesmo sendo essa matriz construtora do binário de gênero e da heteronormatividade, ela não é infalível: os sujeitos terão suas linhas de fuga – ainda que atravessadas pelas normas. Em outras palavras, ainda com Judith Butler, vemos que

os espectros de descontinuidade e incoerência, eles próprios só concebíveis em relação a normas existentes de continuidade e coerência, são constantemente proibidos e produzidos pelas próprias leis que buscam estabelecer linhas causais ou expressivas de ligação entre o sexo biológico, o gênero culturalmente constituído e a “expressão” ou “efeito” de ambos na manifestação do desejo sexual por meio da prática sexual. (BUTLER, 2003, p. 38).

Assim, penso que a partir das normas que regulam o binário de gênero podemos entender sujeitos das narrativas que apresento nas próximas seções como esses tais sujeitos de *espectros de descontinuidade e incoerência*, com identidades que dirão incompatibilidades com o que foi normatizado para seus corpos. Essa descontinuidade poderá levar a novas produções corporais: (re)invenções que podem ser potencialidades para se pensar as expressões do gênero. O que as experiências imprimem nos corpos? O que os corpos imprimem nas experiências? Quais são as linhas de fuga corporais que as pessoas da não-binaridade de gênero acessam? Como essas pessoas operam (re)inventando seus corpos, testando suas possibilidades?

## **2. Atravessamentos de identidade, diferença e corpo**

Associada às questões de identidades de gênero, a corporeidade apareceu fortemente em duas entrevistas enquanto um caso que foge ao binário estipulado pelo sexo: homem ou mulher. Seleciono as



narrativas de apenas dois sujeitos por apresentarem essa aproximação com as discussões desse texto. Nas análises de tais entrevistas não busco a interpretação de suas experiências ou alguma revelação do que está “por trás” de cada história. Ao contrário, as utilizo para operar com os conceitos (ou as palavras) produzidos durante cada conversa. Nesse sentido vou ao encontro de Cristina d’Ávila Reis quando penso que as “informações que são coletadas em um trabalho de campo não são dados passíveis de serem explicados, mas são significados produzidos no contexto pesquisado, que podem ser lidos e construídos de diferentes formas” (REIS, 2012, p. 247). Escolho voltar o olhar a partir da perspectiva pós-estruturalista sobre essas construções narrativas e tencioná-las, fazê-las vibrar no campo do Gênero, da Sexualidade e da Educação. As duas pessoas tinham 18 anos de idade à época e são pardas<sup>3</sup>. A pessoa da primeira entrevista foi denominada *Estudante 1* e se identificou como “*possivelmente invisivelmente intersexo, no lado testicular do espectro de corporalidade gamética*”, isto é, ela entende que sua corporeidade, ainda que invisível às outras pessoas, é intersexual no que se refere ao testículo e produção de gametas – indicando uma possível divergência em relação às corporeidades binárias. Tal pessoa prossegue a conversa narrando:

Eu não gosto da associação de gênero à corporalidade gamética (seja testicular, ovariana ou intersexo) por crer que tal noção é inerentemente cissexista e diadista, e estou disposto a ajudar outras pessoas trans nessa jornada, sem, obviamente, colonizar a narrativa de quem luta contra o cissexismo e a disforia de gênero. (Estudante 1 – 2015)

---

<sup>3</sup> Ainda que de consideração relevante, durante a realização da pesquisa não objetivamos pensar em análises relacionadas à raça/etnia, de forma que esses atravessamentos não estavam previstos em nenhum roteiro pré-estruturado e, também, nenhuma pessoa trouxe a temática para a conversa.

Nesse sentido de dissociação entre estruturas anatômicas e gênero, *Estudante 1* se alinha a Anne Fausto-Sterling (2006, p. 45). Ambos reiteram as concepções adotadas nesse trabalho para sexo e gênero e ainda ampliam a discussão ao encarar que, nas palavras de *Estudante 1*, “a luta contra o binarismo, contra o patriarcado e contra o cissexismo, estão todas conectadas”. Nesse sentido, indica que uma mudança de paradigmas de corporeidade não toma como protagonistas os sujeitos de corporeidades adequadas e “bem sucedidas”, pelo contrário são as “monstruosidades”, as disforias e as estranhezas que buscam legitimidade e se distanciam do enquadramento enquanto patologias. Com esta entrevista, entendo que é uma mudança em curso.

As questões de corporeidade, entretanto, podem ir além das associadas ao sexo ou gênero. *Estudante 1* apresenta uma série delas e explica como as mesmas implicam na construção de sua identidade e de sua socialização.

Entre 2008, aos 13 anos de idade, e 2014, aos 19 anos de idade, eu possuí disforia física, manifestada por crises de ansiedade e falta de esperança com relação ao formato do meu rosto, que comunicariam algo que julgo incorreto sobre meu verdadeiro ser com base na minha estrutura facial. Isso tem a ver com gordofobia internalizada e certa noção de que não sou esteticamente agradável, e não apenas com meu gênero. Recentemente, vi que o meu rosto de adulto não é nada do que eu temia, e mudou pouco em comparação com o começo da adolescência. Esses sentimentos passaram. (*Estudante 1* – 2015)

Assim, através de uma parte do histórico de corporeidade narrado por essa pessoa podemos entender de forma prática o que aponta David Le Breton (2014, p. 19) quanto à realidade pessoal do

corpo. A identidade e a materialidade foram influenciadas pela socialização, mas de maneira recíproca a influenciaram – dando-lhe novos contornos e definições, tencionando as forças sociais.

Richard Miskolci anuncia, em certo tom profético, que “é chegada a hora de estranhar as forças sociais, políticas e também teóricas que até hoje mantiveram ‘xs estranhxs’ alocadxs no desvio e na anormalidade” (2014, p. 22). É tempo de estranhar o individual e o político, de fomentar o estranhamento. As narrativas fazem percursos semelhantes: provocação, subversão, (re)existências a partir da composição do estranho, da dúvida, da questão. Indo ao encontro dos estudos queer de Maycon Silva Lopes, “persiste uma latente possibilidade de perturbação deste corpo, a ponto dele ser passível de estranhamento, de ser tomado como um algo não familiar, ou um corpo estranho” (LOPES, 2016, p. 6).

Tipo, eu sou um homem trans e posso usar batom, porque eu não posso usar batom?! Posso usar sim. Eu posso pintar minhas unhas e se eu quiser comprar roupas femininas, porque que eu não vou comprar sabe?! Vou continuar sendo um homem da mesma forma, usando batom ou não, usando salto ou não, usando maquiagem ou não, usando cabelo grande ou não, então é isso. (Estudante 2 – 2015)

Os posicionamentos e questionamentos de Estudante 2 vão ao encontro dos demais já observados: a mistura, o estranhamento, a dimensão do prazer individual na performance, a despreocupação com as percepções alheias. Há uma preocupação com a construção da imagem, um cuidado em performar experiências não-binárias não apenas no que lhe é cotidiano.

Questionamentos do tipo “por que não posso usar batom?” parece rondar as narrativas. Por que não usar? Por que não se lançar às



construções de estranhamento? Por que se produzir na fixidez se a subjetividade é a da diferença? A *mistura* é característica marcante. O rompimento com o binário de gênero se mostra no distanciamento das experiências totalizantes de *ser homem* e de *ser mulher*, não é de interesse migrar para o outro pólo ou pensar em uma expressão inequívoca. Ao contrário, procura-se o ambíguo, a dúvida, a suspensão, as linhas de fuga. O *estranhamento* faz parte da construção da imagem: é uma dimensão pensada e planejada. A análise da Teoria *Queer* realizada por Pedro Paulo Gomes Pereira indica que “estranhar, subverter, perturbar, desestabilizar [...] são marcas da própria experiência queer” (PEREIRA, 2008, p. 510). Nesse sentido, acredito numa potencialidade *queer* na narrativa estranhar a continuidade entre gênero-corpo-vestuário fixados em feminino ou masculino e provocar a descontinuidade, “eu com uma roupa masculina e unha pintada”. Como veremos na próxima seção os corpos são tão móveis quanto as identidades e as diferenças.

### 3. (Re)Invenções de corpos para expressão

Eu entrei na minha classe na universidade com o cabelo grande e tal, roupas femininas, agora eu sou uma pessoa que se você olhar uma foto minha daquela época e olhar uma foto minha agora você não reconhece as pessoas, são diferentes, vai dizer “nossa, é a mesma pessoa?”. Então essa mudança minha foi acontecendo de forma gradual no decorrer do curso, então agora as pessoas foram acostumando porque foi uma mudança gradativa, elas acompanharam e tal, elas me conhecem. (Estudante 2 – 2015)

O percurso de modificação narrado por *Estudante 2* parece dizer das (im)possibilidade de se movimentar com aquele corpo. Acredito ser um percurso de reinvenção da própria materialidade, uma

forma de inventar a existência corporal enquanto obra de arte – aquilo que guarda “consigo o ato de resistir, de inventar uma nova resistência e de criar linhas de fuga que abram brechas nas territorialidades fechadas e dominadas” (SEGURADO, 2007, p.56).

Penso que esse percurso seja mais que um *querer* (vontade), é ainda um *ter que* (necessidade). Acredito que tal necessidade, assim como as escolhas, é subjetiva e visceral, mas também uma ânsia em dar respostas às cobranças, como quando tal pessoa é questionada sobre a utilização do nome social:

Então assim, por passar muito constrangimento já, eu não quero assim passar mais um, porque eu me vestindo como eu quero e indo aonde eu quero do jeito que eu quero já e uma grande conquista pra mim, então por enquanto isso, como me causaria muito problema eu prefiro não ir atrás de nome social dentro da minha cidade e tal porque seria um desconforto muito grande pra mim então eu evito. (Estudante 2 – 2015)

O direito de utilização do nome social em instituições de ensino foi uma conquista da população transexual/transgênera. Entretanto, como percebemos na narrativa, não é sem dificuldade que tal direito é exercido. Ainda que eu considere essa utilização como um ato político importante para a manutenção dessa conquista, a narrativa de *Estudante 2* desestabiliza e leva ao questionamento, junto a Berenice Bento:

por que exigir das pessoas que vivem a experiência transexual que sejam subversivas, quando também compartilham sistemas simbólicos socialmente significativos para os gêneros? Será que a própria experiência já não leva em si um componente subversivo, na medida em que desnaturaliza a identidade de gênero? (BENTO, 2002, p. 13).



Os desejos e os corpos se estabelecem num jogo em que os (des)prazeres são negociados: o prazer de estar vestido do jeito que quer/necessita é negociado com o prazer de utilização do nome social. A materialização dos quereres/necessidades trarão consequências e, então, se produz as negociações. Em outras palavras, as formas de expressão e os corpos estão sempre *em aberto*, nenhuma existência não será negociada, medida – assim como os prazeres e desejos. Há uma vivência cotidiana da desnaturalização. É o que aponta Letícia Lanz ao pensar que nas experiências de pessoas transgêneras “o corpo sempre apareceu como um projeto de transformação, um vir-a-ser da própria pessoa, o que implica em aceitar sua aparência, tamanho, forma e até mesmo o seu conteúdo como amplamente abertos à reconstrução” (LANZ, 2014, p. 111).

Stéphane Malysse indica que em qualquer modificação corporal

a pessoa tenta controlar tudo aquilo que foge ao seu controle na vida social; ela escolhe uma forma física “nova” indo atrás de um modelo que a personifique e com o qual se identifique. No entanto esse modelo corporal não é apenas formal, uma vez que o sujeito incorpora também os valores morais incluídos em sua constante reconstrução (MALYSSE, 2002, p. 96).

Narrar um percurso de (re)construir-se é narrar o construir de um aparato corporal e moral para dizer de sua diferença – ou identidade. Invenções que não podemos mais enquadrar nos binários material/imaterial, corpo/mente, tátil/moral; mas que são mutuamente atravessadas por jogos de poder, prazer, desconfortos, desejos. Tais estudantes parecem estar em imersão, como qualquer outra pessoa, nesses jogos – não são apenas as pessoas de experiências não-

binárias que produzem os corpos. Entretanto, percebe-se um debruçar, um pensar mais demorado que outras pessoas quando lançamos olhar às narrativas.

Eu sou uma pessoa trans, trans não binária, masculino. Eu gosto de falar que eu sou trans homem não binário, porque quando você fala que é trans homem as pessoas falam: “ah, então você é trans homem então você tem que ser binário”. Então você prova que você pode ser não binário. Já tem bastante meninos tomando este tipo de nomenclatura pra si: “sou homem trans não binário”, porque a gente quer se hormonizar, a gente quer passar por tudo, então tem alguma coisa ali que a gente acha que não é certo, então a gente não concorda com binários de gênero então a gente vai contra isso. (Estudante 2 – 2015)



Em seus estudos acerca de gênero, sexualidade e travestilidade, Marcos Benedetti (2005) identifica os saberes sobre hormônios enquanto uma rede que vai dizer das identidades travestis. Acredito que as experiências na não-binaridade se encaminham também nesse processo: não que o tratamento hormonal esteja efetivamente presente nessas experiências em função da diferença de gênero (de fato não necessariamente está, de acordo com as narrativas dessa pesquisa), entretanto a consideração ao tratamento, o pensar das consequências, o vislumbre das (im)possibilidades é latente.

Essa escolha de *hormonizar-se ou não* é um optar por certo tipo de invenção corporal. Uma invenção que, como qualquer outra, vai além da experiência corpórea, mas que é atravessada por outros efeitos que dirão de seus desejos, perspectivas, linhas de fuga e (des)territórios. Vale ressaltar que as modificações corporais vão além dos reajustes da ordem do biológico, perpassam também performances com tecnologias de roupas, acessórios, cores e texturas.

Nesse sentido, todas as pessoas estão imersas na *matriz de normas de gênero* estudada por Judith Butler (2003) que atravessa qualquer modificação corporal. Todas exercem atravessamentos e são atravessadas pelos jogos de poder, prazer, estranhamento. Beatriz Ferreira Pires vai investir nos jogos de prazer ao apontar que

há, no ato de se apresentar com determinados tipos de adornos, a vontade, por parte do sujeito, de desestabilizar os indivíduos que não os possuem, de mostrar uma condição diferente de se expressar e de obter prazer. Prazer este obtido no momento da manipulação corporal, e estendido a todas as práticas possibilitadas pela modificação, inclusive a de verificar a reação que sua imagem causa no Outro. (PIRES, 2003, p. 82).

Em outras palavras, as produções dos corpos não são apenas experiências de si para si, mas também atravessadas pelas relações interpessoais, pelos (des)(re)encontros que se dão com outros corpos, outras morais, outras experiências. O encontro com a diferença pode provocar desestabilizações, confusões. Caminho ao encontro de Suely Rolnik, quando penso que essa desestabilização pode nos colocar

a exigência de criarmos um novo corpo (um novo modo de sentir, de pensar, de agir) que venha encarnar este estado inédito que se fez em nós. E a cada vez que respondemos à exigência imposta por um destes estados – ou seja, a cada vez que encarnamos uma diferença – nos tornamos outros (ROLNIK, 1994, p. 161).

Nesse sentido, se são as identidades e diferenças categorias relacionais, podem ser os desejos, prazeres, querer e necessidades também influenciados pelas relações que tecemos com os outros.



Como trazem as pessoas entrevistadas (em especial *Estudante 2*): o nomear-se em um gênero (ou não nomear-se), o vestir determinadas roupas, o modificar a materialidade dos corpos, entre outros exemplos, são possíveis práticas que se produzem a partir de exigências nossas construídas em diálogo com a exigência do Outro.

### Considerações finais

A *matriz de normas de gênero* explicada por Judith Butler (2003) insere a todos nós em uma dinâmica de performance e cobrança de papéis de gênero. Imbricado a isso, estão os investimentos sobre os corpos. Cada roupa, acessório, cirurgia, tatuagem, cortes ou colorações de cabelo são (re)invenções que fazemos e que dizem sobre *ser homem* ou *ser mulher*. No caso das pessoas que experienciam o gênero de forma não-binária esses investimentos, essas modificações parecem ser mais elaboradas, pensadas e pesadas. Em outras palavras, transformações mais radicais consideradas, desde a utilização de hormônios e procedimentos cirúrgicos às mudanças de nomes/gêneros nos registros civis.

Esse trabalho pode nos lançar a novos questionamentos que *esgarçam* as tensões entre o corpo e a não-binaridade de gênero, como: quais as reações provocadas pelas expressões corporais da não-binaridade? Que tensões sociais vibram quando essas pessoas desestabilizam as normatizações de seus corpos? Como esses corpos se movimentam pelas instituições da sociedade (a escola, a medicina, as estâncias jurídicas, as religiões)? Quais atravessamentos se produzem nessas instituições? Estando nossas linguagens imersas em significações binárias, de que maneira podemos acessar plenamente as linhas de fuga?



Todos esses questionamentos são potentes quando, em especial, lançamos um olhar de perspectiva *queer*, onde a desnaturalização se intensifica: (re)pensar os olhares sobre os corpos que atravessam as identidade e diferenças e que são também atravessados por elas.

## Referências

ARAÚJO, Denise. Outras falas sobre gênero e sexualidade na escola. **Revista Periódicus**. Salvador, v. 1, n. 2, p. 19-27, 2014.

BENEDETTI, Marcos. **Toda feita: o corpo e o gênero das travestis**. Rio de Janeiro: Garamond; 2005.

BENTO, Berenice. Cuerpo, performance y género en la experiencia transexual. IN: **Seminario de género**. Universidad de Barcelona. 2002.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Editora Record, 2003.

DERRIDA, Jacques. **Posições**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2001.

DOS REIS, Neilton. **Diversidade de gêneros e Ensino de Biologia: casos de prazeres e corporeidade não-binários**. Monografia. 105p. Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas. 2015.

DOS REIS, Neilton; PINHO, Raquel. Gêneros não-binários: Identidades, expressões e Educação. **Revista Reflexão e Ação**, Santa Cruz do Sul, v. 24, n. 1, p. 7-25. 2016. ISSN on-line: 1982-9949

DUQUE, Tiago. Corpo, Estado e militância, ou sobre aquilo que você precisa saber antes de começar a ler uma puta teoria. **Florestan**, São Carlos. n. 2, p. 67, 2014.

ESPECTROMETRIA NÃO-BINÁRIA. Disponível em: <<http://espectrometria-nao-binaria.tumblr.com/>>. Acesso em: 18 de março de 2015.

FAUSTO-STERLING, Anne. **Cuerpos sexuados: la política de género y la construcción de la sexualidad**. Barcelona: Melusina. 526p. 2006.

FOUCAULT, Michel. **Ditos e Escritos I: Problematização do sujeito: psicologia, psiquiatria e psicanálise**. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

HEILBORN, Maria. Fronteiras simbólicas: gênero, corpo e sexualidade. **Cadernos Cepia**. Rio de Janeiro. v. 5, p. 73-92, 2002.

HERMANN, Nádia. A questão do outro e o diálogo. **Revista Brasileira de Educação**. Rio de Janeiro. v. 19, n. 57, 2014.

LANZ, Letícia. **O Corpo da roupa: a pessoa transgênera entre a transgressão e a conformidade com as normas de gênero**. Dissertação de mestrado. Universidade Federal do Paraná. Programa de Pós-graduação em Sociologia. 2014.

LE BRETON, David. Corpo, gênero, identidade. IN: FERRARI, Anderson; RIBEIRO, Cláudia; POLATO, Roney; BARBOSA, Vanderlei. **Corpo, gênero e sexualidade**. Lavras (MG): UFLA, 2014.

LOPES, Maycon Silva. **Notas para uma fenomenologia queer**. Disponível em: <[http://s3.amazonaws.com/academia.edu.documents/1942325/Notas\\_para\\_uma\\_fenomenologia\\_queer.pdf](http://s3.amazonaws.com/academia.edu.documents/1942325/Notas_para_uma_fenomenologia_queer.pdf)>. Acesso em 24 de janeiro de 2017.

LOURO, Guacira. **O corpo educado: Pedagogias da sexualidade**. Traduções: Tomaz Tadeu da Silva. 2ª ed. 127p. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

MALYSSE, Sthéphane. Em busca dos (H)alteres-ego: Olhares franceses nos bastidores da corpolatria carioca. In: **Nu e Vestido: Dez Antropólogos Revelam a Cultura do Corpo Carioca** (M. Goldenberg, org.), pp. 79-138, Rio de Janeiro: Editora Record.2002

MISKOLCI, Richard. Estranhando as Ciências Sociais: notas introdutórias sobre Teoria Queer. *Florestan*. São Carlos. n. 2, p. 08, 2014.

PEREIRA, Pedro Paulo. Body, sex and subversion: reflections on two queer theoreticians. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação**, v.12, n.26, p.499-512, 2008.

PIRES, Beatriz Ferreira. O corpo como suporte da arte. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, v. 6, n. 1, p. 76-85, 2003.

REIS, Cristina d'Ávila. O uso da metodologia queer em pesquisa no campo do currículo. In: MEYER, Dagmar Estermann; PARAÍSO, Marlycy Alves (Organizadoras). **Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação**. Belo Horizonte, Mazza Edições, 2012, p. 243-260.

ROLNIK, S. Cidadania e alteridade: o psicólogo, o homem da ética e a reinvenção da democracia. In: SPINK, M.J. P. (org.) **A cidadania em construção: uma reflexão transdisciplinar**. São Paulo: Cortez, 1994. p. 157-176.

SABAT, Ruth. Pedagogia cultural, gênero e sexualidade. **Estudos Feministas**. Santa Catarina. n. 09. 2001.

SEGURADO, Rosemary. Por uma estética da reexistência na relação entre arte e política. In: CHAIA, M. (Org.). **Arte e política**. Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2007. p. 41-58.

SENKEVICS, Adriano; POLIDORO, Juliano. Corpo, gênero e ciência: na interface entre biologia e sociedade. **Revista da Biologia**. São Paulo. v. 9, n. 1, p. 16-21, 2012.

**Recebido em 06/03/2017**

**Aceito em 12/04/2017**